

UM DEPOIMENTO SOBRE JOSÉ LUÍS JOBIM

No início dos anos oitenta, eu voltava à universidade, para terminar o curso de Letras, interrompido na Pontifícia Universidade Católica (PUC), dez anos antes, pela minha primeira gravidez. Por razões particulares (dois filhos pequenos, total indisponibilidade para voltar à PUC, de difícil acesso para mim, naquele momento), retomei o curso na Universidade Santa Úrsula (USU), no intuito de lá obter o meu diploma. Foi uma experiência bem interessante. Havia um grupo de professores jovens, empenhados em fazer crescer a universidade. Entre eles, José Luís Jobim de Salles Fonseca, ou José Luís, como todos o chamavam. Muito moço, talvez o mais jovem dos professores que tive na vida, impressionava então pela seriedade, serenidade e doçura nas aulas, aliadas a uma grande determinação, ao pragmatismo e ao espírito de combate. Fui sua aluna em um curso de Teoria da Literatura e lembro-me da simplicidade com que ele abordava os temas mais complexos, tornando-os acessíveis aos alunos de graduação, e da preocupação constante de que todos entendessem a proposta do curso e o que estava sendo feito em sala de aula. Formei-me e perdi-o de vista durante cerca de uma década.

Em 1991, fiz concurso para a Universidade Federal Fluminense (UFF), onde tomei posse em 1992. Chegando ao Instituto de Letras, uma das primeiras pessoas que encontrei foi o Jobim, que tinha perdido o José Luís e se tornara simplesmente assim: Jobim. Desde então, aliado ao fato de, pouco depois, ele ter se casado com uma das minhas amigas mais queridas, Bethania Mariani, estreitamos muito nossas relações de amizade. Além disso, por afinidades teóricas e acadêmicas, trabalhando sempre na mesma linha de pesquisa, Jobim se tornou o meu grande parceiro de trabalho na UFF, com quem participei e participo de bancas, congressos, mesas redondas, publicações, entre as quais se destaca o livro dele sobre a biblioteca de Machado de Assis, com o qual muito me orgulho de ter colaborado, pois trata-se de obra de referência sobre o autor, no Brasil e no estrangeiro. Com a convivência, pude perceber algumas características que cada vez descubro mais um pouco e que fazem dele uma pessoa bem especial.

A primeira seria a capacidade de simplificar, associada a um pragmatismo raro, entre os pesquisadores de literatura. Jobim sempre procura simplificar os problemas e situações mais complexos, abrindo os caminhos e tornando-os mais fáceis, eliminando obstáculos, derrubando verdadeiras montanhas, para alcançar suas metas. Se acreditar em uma coisa, ele lutará por ela, incansavelmente, insistentemente. Jobim possui

uma inteligência viva, curiosa e arguta, um espírito de observação e perspicácia, que o tornam imbatível nas relações acadêmicas, além da “inteligência emocional”, que muito o auxilia nos inúmeros combates e lutas que a profissão exige. Um ótimo exemplo disso foram os congressos da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Ele presidiu o primeiro e secretariou o segundo, sempre com muito bom senso e competência, sabendo exatamente onde, como e o quê fazer, enfim, contribuindo para a realização de dois brilhantes eventos. Essas qualidades, por si só, já o colocariam em um lugar único no meio acadêmico, já que ele está sempre preocupado em trabalhar, em fazer bem feito.

No entanto, elas nada seriam, se não houvesse uma outra, talvez a maior de todas as qualidades do Jobim: a generosidade. Sou testemunha de inúmeros trabalhos que ele aceita por pura generosidade, sem nenhuma preocupação com carreirismo, apenas para realizar algo em que acredita. Isso tem se revelado bem evidente na sua atuação como coordenador da Pós-Graduação em estudos de literatura da UFF. Jobim tem sido incansável batalhador pelo programa, buscando novos caminhos, estimulando os colegas a fazerem o mesmo, prosseguindo com afinco a luta dos seus antecessores, mas buscando marcar diferenças, para maior crescimento da pós.

No que diz respeito à pesquisa, ele é Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ, a prestigiosa bolsa que distingue alguns professores no Rio de Janeiro, os que mais se destacam, e que, obrigatoriamente, devem ser pesquisadores PQ1, no CNPq. Com isso, atualmente, Jobim desenvolve projetos que visam a uma análise crítica dos fundamentos alegados por produtores de textos (literários, teóricos, críticos) dos séculos XX e XXI sobre sua própria escrita, considerando a perspectiva de críticos e teóricos sobre a produção literária dessas obras. Propõe, na verdade, um estudo em abordagem histórica (contrastando com a produção de sentidos do século XIX) dos conceitos e da terminologia empregados nos discursos de e sobre a literatura no presente (em contraponto ao passado), tematizando, entre outras coisas, as comunidades teóricas, críticas e/ou literárias, organizadas em torno de conceitos compartilhados, a organização de campos a partir de conceitos comuns e os termos e conceitos cuja reiterada presença e aparente permanência encobrem diferenças de conteúdo no seu emprego. Aborda, assim, questões pertinentes e importantes para os estudos literários, como o estatuto da autoria, as diferentes perspectivas sobre os suportes da escrita, sejam eles novos ou antigos, as textualidades do agora.

Se considerarmos suas publicações, resultados do desenvolvimento desses projetos de pesquisa, Jobim também impressiona pela vasta produção, com contribuições enriquecedoras para os estudos literários e culturais, para o debate em torno do conceito de literatura, crítica etc., além do que se refere às questões identitárias na literatura brasileira em geral, bem como na obra de Machado de Assis, muitas das quais são estudadas e citadas, consideradas mesmo fundamentais para os estudos deste autor, tanto no Brasil, quanto nos estudos lusófonos, em universidades norte-americanas e europeias.

Maria Elizabeth Chaves de Mello
(UFF/CNPq/FAPERJ)